

**EDUCAÇÃO FORMAL DE JOVENS E ADULTOS: ALIENAÇÃO
OU RESISTÊNCIA DOS TRABALHADORES DIANTE DA
AGROINDÚSTRIA, NA CIDADE DE XAXIM (SC)?**

**FORMAL EDUCATION OF YOUNG ADULTS: DISPOSITION OR
STRENGTH OF WORKERS BEFORE THE AGRIBUSINESS IN
THE CITY XAXIM – SC?**

**EDUCACIÓN FORMAL DE JÓVENES Y ADULTOS:
ALIENACIÓN U RESISTENCIA DE LOS TRABAJADORES
DELANTE DE LA AGROINDUSTRIA, EN LA CIUDAD DE
XAXIM – SC?**

¹ Valdir Skrzypczak

valdir_09@yahoo.com.br

² Luiz Paulo Monteiro

lupamonteiro@yahoo.com.br

³ Marli Terezinha Szumilo Schlosser

marlisch20@hotmail.com

⁴ Carmen Rejane Flores Wizniewsky

carmenrejaneffw@gmail.com

Resumo

O objetivo do texto é compreender a escolarização/(des)qualificação dos trabalhadores do campo e da cidade, a partir da educação formal de Jovens e Adultos, voltada para a formação simples e parcial dos trabalhadores, haja vista a chegada dos complexos agroindustriais na região oeste de Santa Catarina. A região possui relação de dependência com grandes agroindústrias, como a Brasil Foods (BRF), a Aurora e a Diplomata Industrial e Comercial Ltda. Os trabalhadores do campo e da cidade vivenciam uma relação dialética de (des)qualificação ante o capital agroindustrial. O texto relatado se utiliza do método do materialismo dialético, no qual capital e trabalho não estão separados, mas unidos dialeticamente na produção capitalista. A área de estudo compreende o município de Xaxim, no oeste de Santa Catarina, caracterizado pela presença de uma agroindústria

¹ Mestre em Geografia-Campus de Francisco Beltrão (PR)-2015-2016. Integrante do Laboratório de Pesquisa LEG – Laboratório de Ensino de Geografia e Linha/Grupo de Pesquisa ENGEO – Ensino e Práticas de Geografia, número de grupo 34953/2011, cadastrado junto à Unioeste (valdir_09@yahoo.com.br).

² Mestrando em Geografia pela Unioeste – Campus de Francisco Beltrão (PR)-2015-2016. Integrante do Laboratório de Pesquisa LEG – Laboratório de Ensino de Geografia e Linha/Grupo de Pesquisa ENGEO – Ensino e Práticas de Geografia, número de grupo 34953/2011, cadastrado junto à Unioeste (lupamonteiro@yahoo.com.br).

³ Doutora em Geografia, professora do curso de Geografia e Mestrado em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon/PR. Integrante do Laboratório de Pesquisa LEG – Laboratório de Ensino de Geografia e Linha/Grupo de Pesquisa ENGEO – Ensino e Práticas de Geografia, número do grupo 34953/2011, cadastrado junto à Unioeste (marlisch20@hotmail.com).

⁴ Doutora em Geografia e Ciências do Território pela Universidade de Córdoba (UCO, Espanha). Professora Adjunta no Departamento de Geociências da UFSM.

de aves, além de um significativo setor de comércio e serviços, voltado para atender, em sua maioria, as necessidades do capital agroindustrial.

Palavras-chave: Educação formal. (Des)qualificação. Trabalho. Agroindústria.

Abstract

This paper aims to understand the schooling / (dis)qualification of workers in the countryside and the city, with the arrival of agro-industrial complex in the western region of Santa Catarina, from the formal education of youth and adult, dedicated to training simple and part of the workers. The region has a dependent relationship with large agricultural industries, like Brazil Foods (BRF), Aurora and Diplomat Industrial e Comercial Ltda. Using this approach, workers of the countryside and the city, experience a dialectical relationship of (dis)qualifications, opposite the agroindustrial capital. The reported text using the method of dialectical materialism, in which capital and labor are not separate but united dialectically in capitalist production. The study area comprises the town of Xaxim in the west of Santa Catarina, characterized by the presence of an agribusiness of birds, as well as significant trade and services sector, aimed to serve mostly the needs of the agro-industrial capital.

Keywords: Formal education. (Dis)qualification. Work. Agro-industrial.

Resumen

El objetivo del texto es comprender la escolarización/ (des)calificación de los trabajadores del campo y de la ciudad, con la llegada de los complejos agroindustriais en la región Oeste de Santa Catarina, a partir de la educación formal de Jóvenes y Adultos, voltada para la formación simple y parcial de los trabajadores. La región tiene relación de dependencia con grandes agroindustrias, cómo la Brasil Foods (BRF), la Aurora e la Diplomata Industrial e Comercial Ltda. Los trabajadores del campo y de la ciudad, vivenciam una relación dialéctica de (des)calificación, delante el capital agroindustrial. El texto relatado hace la utilización del método del materialismo dialéctico, en lo cual capital y trabajo no están separados, mas unidos ealiza des nte en la ealiza de capitalista. El área de estudio comprende lo municipio de Xaxim, en lo Oeste de Santa Catarina, caracterizado por la presencia de una agroindustria de aves, allende tener un significativo sector de comercio y servicio, voltado para atender, en suya ealiza, las ealiza des del capital agroindustrial.

Palabras-clave: Educación formal. (Des)calificación. Trabajo. Agroindustria.

INTRODUÇÃO

Na dinâmica pela qual passa a humanidade neste início do século XXI, percebe-se que o processo de escolarização dos trabalhadores, a educação formal, objetiva a formação geral alienante tanto do campo quanto da cidade, tendo como base a intensificação das habilidades desses trabalhadores, e até, em alguns casos, de suas competências, em prol do capital.

Desta maneira, tem-se uma sociedade de mercantilização, na qual o que mais importa é o capital, não o trabalho. Neste estudo de caso proposto, será verificada essa

realizada em relação aos trabalhadores urbanos de frigorífico e aos camponeses ligados ao sistema de integração.

No caso do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Xaxim (CEJAX), instituição em que se insere a classe trabalhadora, os proletários são escolarizados para atender as demandas da exploração do capital, sendo que a educação formal, como instituição, reproduz as condições variadas de exploração do capital sobre o mundo do trabalho.

Merece também um destaque especial o processo de precarização do trabalho no interior do frigorífico, que vai desde as longas jornadas de trabalho até o desgaste físico causado pelas atividades na indústria.

Em relação ao processo de escolarização, de acordo com os dados previstos no decorrer deste artigo, percebe-se que as limitações para a continuidade dos estudos por parte dos trabalhadores residem principalmente no fato de estarem vinculados a um trabalho com longas jornadas de trabalho e na intensidade de produção.

Observa-se que os trabalhadores, a partir do processo de escolarização, continuam a desenvolver o trabalho simples e desqualificado, aspirando uma ascensão profissional dentro do próprio frigorífico, ou mesmo em outros setores da economia, na condição de proletários.

Por outro lado, pode-se pensar que a emancipação do trabalhador é projetada numa nova forma de trabalho e de formação que busque a libertação, respeitando as individualidades e o real processo de emancipação do homem, rompendo com uma formação em prol do capital e com a alienação do trabalho.

EDUCAÇÃO/PROLETARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CEJAX: RESISTÊNCIA OU ALIENAÇÃO ANTE O CAPITAL?

Na condição hegemônica de organização da educação formal pelo Estado burguês, este se apresenta como formador ideológico da classe trabalhadora para o capital, para a sociabilidade e destrutividade do mundo do trabalho e da produção, a partir da concepção dominante e dirigente do capital. Na perspectiva das classes dominantes, a educação dos trabalhadores deve ter a finalidade de habilitá-los social, técnica e ideologicamente para a venda da força de trabalho, subordinando a função social e transformadora da educação às necessidades de manutenção do capital.

Logo, para o empresariado capitalista, constitui-se como possibilidade de aumento da produtividade e acumulação da riqueza. Assim, a educação para a classe trabalhadora se dá em doses homeopáticas (GRAMSCI, 2005), na formação da mão de obra e da profissionalização como assalariados do capital, intensificando a ideologia neoliberal da polivalência e multifuncionalidade aos trabalhadores.

Socialmente, o proletário é educado para a individualidade e a competição. Nessa lógica, a agroindústria mantém a sede de recreação e esportes para garantir constantemente a competição esportiva entre os trabalhadores dos diferentes setores da empresa, que ocorre durante dois períodos ao ano.

Tecnicamente, o trabalhador é treinado para atender a demanda crescente de produtividade do capital. Assim, amplia a escolarização formal e busca frequentar cursos profissionalizantes, que o mantêm em constante processo de formação para o capital, na condição de assalariado. A formação ideológica do trabalhador dá-se para a manutenção das condições destrutivas do capital, internalizando o consenso na classe trabalhadora a partir da educação formal, da mídia, dos cursos profissionalizantes, dos empresários, etc.

Na contramão dessa concepção destrutiva proposta pela classe dominante, a luta da classe trabalhadora vem ao encontro de formação intelectual ou politécnica do homem omnilateral, do cidadão que pode controlar quem o governa. Este é um movimento que se trava na sociedade e no âmbito do Estado, e se caracteriza como um espaço de contradições e mediações entre capital e trabalho. Neste movimento contraditório e dialético, a

Educação [...] se refere ao processo de formação omnilateral do ser humano e que tem nas práticas sociais o principal ambiente dos seus aprendizados. Trata-se de considerar, centralmente, em um projeto educativo, que as pessoas se formam pela inserção em um determinado meio, sua materialidade, atualidade, cultura, natureza e sociedade, fundamentalmente através do trabalho que lhes permite a reprodução da vida e é a característica distintiva do gênero humano, é a própria vida humana na sua relação com a natureza, na construção do mundo. (CALDART, 2011, p. 26).

A educação, no sentido ontológico da palavra, diz respeito à formação do sujeito social concreto na sua totalidade, como transformador das condições destrutivas impostas pelo capital, na sua superação através das práticas organizativas e de resistência dos movimentos sociais e sindicatos dos trabalhadores do campo e da cidade. Para Saviani e Duarte (2012, p. 31), “[...] a educação não é outra coisa senão o processo por meio do qual se constitui em cada indivíduo a universalidade própria do gênero humano.” A socialização do conhecimento historicamente produzido pela humanidade deve estar a serviço dos

filhos da classe trabalhadora, pois a superação das formas de divisão da sociedade capitalista é necessária e possível mediante “a formação plena dos seres humanos” (DUARTE, 2012, p. 154). “A luta pela socialização do conhecimento é, portanto, um componente imprescindível da luta contra o capital [...]” (DUARTE, 2012, p. 154), e sua superação. O acesso ao saber científico para a classe trabalhadora representa a formação em sua plenitude, possibilitando o acesso ao conhecimento construído socialmente pela humanidade, pois “A transmissão do conhecimento científico, artístico e filosófico pela escola é de grande importância quando se tem a perspectiva da formação dos indivíduos na direção caracterizada por Marx, ou seja, da constituição da individualidade livre e universal.” (DUARTE, 2012, p. 154).

Na perspectiva da classe trabalhadora, a educação se constitui a partir da apropriação de um conjunto de conhecimentos socialmente produzidos e no desenvolvimento das potencialidades e valores em defesa dos interesses sociais e econômicos. A educação como princípio educativo de superação do capital compreende o desenvolvimento da atividade concreta do trabalho, como necessidade vital, que produz objetos socialmente elaborados como valor de uso pela humanidade. Assim, “Por meio do trabalho, o ser humano incorpora, de forma historicamente universalizadora, a natureza ao campo dos fenômenos sociais [...]” (SAVIANI; DUARTE, 2012, p. 21), ampliando as necessidades de sobrevivência e transformando-as em necessidades sociais.

Para Frigotto (1995), o trabalho na perspectiva ontológica se constitui quando o homem constrói coletivamente o mundo e a si mesmo, a partir das condições de sua existência, sendo, portanto, princípio educativo da classe trabalhadora.

O trabalho como centralidade das condições de manutenção da vida humana requer um sistema educativo emancipador para a classe trabalhadora, “[...] capaz de se organizar e lutar pelo seu direito ao **trabalho** e pela **superação das condições de alienação** que historicamente o caracterizam [...]” (CALDART, 2011, p. 26, grifo dos autores); portanto, que rompa com as condições de estranhamento em que o proletário assalariado encontra-se inserido sob a égide do capital. O Estado capitalista de classes mantém o sistema institucionalizado da educação formal e seriada para os trabalhadores, que buscam ampliar a educação/escolarização para atender as demandas impostas pela indústria moderna.

À medida que avança a maquinaria no interior da indústria com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, há a necessidade de ampliar a educação/escolarização dos trabalhadores, num constante movimento dialético de interação e negação entre capital

morto e capital vivo. Com o desenvolvimento da tecnologia a partir da ciência, a indústria se moderniza, expande a produção e a intensidade do trabalho, que se simplifica a ponto de

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalhador não produz apenas mercadorias; produz também a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria, e isto na medida em que, de fato, produz mercadorias em geral. (MARX, 2004, p. 80).

As determinações impostas pelo capital ao trabalhador são tão hegemônicas que, com a inserção da maquinaria moderna e das máquinas inteligentes, o trabalho desenvolvido no interior da indústria torna-se simples. O saber do proletário é capturado e transferido para a máquina, que sob o comando do capital amplia e moderniza a produção. Assim,

A própria criação do maquinário informacional mais avançado é resultado da interação ativa entre saber do trabalho (intelectual) dos trabalhadores que atuam sobre a máquina informatizada, transferindo parte de seus atributos ao novo equipamento que resultou desse processo [...] (ANTUNES, 2009, p. 271).

A incorporação das atividades subjetivas do trabalhador pelo capital, a partir das máquinas inteligentes, “[...] é parte constitutiva do trabalho social, complexo e combinado, que cria coletivamente valor [...]” (ANTUNES, 2009, p. 271) ao produto, na forma de mercadoria nas mãos do capitalista. Estabelece-se um complexo processo de relações entre trabalho, ciência e saber, configurando-se uma nova fase da produção capitalista do valor.

Nesta nova fase de apropriação e interação do saber operário com a máquina moderna, configura-se “[...] uma força de trabalho mais complexa, multifuncional, sintonizada com a fase da empresa enxuta, flexibilizada e toyotizada, em que a força de trabalho é explorada de maneira ainda mais intensa e sofisticada, material e imaterialmente, quando comparada à fase taylorizada-fordizada.” (ANTUNES, 2009, p. 271).

Com a extração da mais-valia, o capital explora materialmente o trabalhador no interior da empresa. Na execução de atividades simples e constantes, o proletário individualmente manuseia milhares de aves durante a jornada de trabalho: um único trabalhador desossa aproximadamente 20 coxas por minuto, ou 1200 por hora – porém sua remuneração não é maior caso amplie a produção, ou menor caso venha a reduzi-la.

Consensualmente, é chamado a opinar, dar ideias, sugerir melhorias no espaço produtivo da empresa ou do campo; contudo, não lhe é permitido participar das decisões do capital, que se fecha no alto escalão administrativo e gerencial. Para o capital

agroindustrial, o trabalhador é concebido como parceiro e colaborador, mas o lucro concentra-se nas mãos do capitalista, que o explora na relação do mercado, sob a condição mercantil de compra e venda da força de trabalho.

Nas últimas décadas, de modo especial após os anos de 1980, tem-se uma nova reorganização do capital mundial com repercussões no Brasil, sendo a década de 90 considerada de grande impacto para as relações de trabalho e produção, com a abertura econômica no mercado internacional através da política neoliberal, em que tudo se compra e tem preço, inclusive a educação.

Sendo o capitalismo um sistema de produção contraditório, suas investidas hegemônicas contra a classe trabalhadora são constantes. Com o auxílio do Estado, internaliza ideologicamente na educação/escolarização da classe trabalhadora o domínio e a manutenção do sistema capitalista como condição necessária. A formação geral oferecida aos proletários pelo Estado mantém as atuais condições de exploração do capital, submetendo a classe trabalhadora ao trabalho assalariado. A escola formal sob o comando do Estado internaliza ideologicamente a venda da força de trabalho ao capital como condição humana de sobrevivência dos trabalhadores.

Sendo o Estado capitalista um Estado de classes, busca (des)organizar a escola formal de acordo com as concepções e práticas das classes dominantes e dirigentes, que “[...] impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado.” (JINKINGS, 2008, p. 14). Sob o comando do Estado burguês e do capital,

A escola [...] vem-se estruturando com vistas a formar, tanto em sentido amplo como em sentido estrito, um intelectual urbano de novo tipo, que apresenta como características principais o aumento da capacitação técnica necessária à reprodução ampliada das relações capitalistas de produção e uma nova capacitação dirigente, com vistas a ‘humanizar’ as relações de exploração e de dominação burguesas, enquanto possibilidades históricas concretas. (NEVES, 2005, p. 29).

Sob a hegemonia do Estado burguês, a escola vem formando intelectuais orgânicos⁵; segundo as ideias e práticas da classe burguesa dominante, “[...] a escola torna-se importante instrumento de difusão da pedagogia da hegemonia, ou pedagogia da conservação [...]” (NEVES, 2005, p. 29). O domínio do capital torna-se um instrumento diuturnamente presente na vida da classe trabalhadora, a fim de consentir ideologicamente a exploração como condição natural. No interior da indústria, os intelectuais orgânicos

⁵ São proletários que superam a técnica-trabalho pela técnica-ciência, a partir da escola sob o comando do Estado e do capital. Permanecem como especialistas, porém não se tornam dirigentes de sua classe (ver NEVES, 2005).

compreendem as funções de comando para o capitalista – como supervisores, encarregados, etc., que realizam o controle sobre os proletários e parte do processo produtivo. São trabalhadores formados técnica e intelectualmente para comandar determinados setores da produção para o capital na indústria, visando à manutenção das relações hegemônicas de exploração e opressão do capital perante o trabalho, porém permanecem na condição de assalariados.

A escola torna-se, nesse sentido, um importante instrumento de internalização e manipulação das práticas de domínio da burguesia, que busca formar um novo intelectual orgânico, que interage com a máquina informatizada, com a cultura ética e moral orientada para a reprodução ampliada das relações capitalistas de produção, “segundo os ideais, ideias e práticas da classe dominante e dirigente” (NEVES, 2005, p. 29).

O CEJAX, organizado de maneira formal sob o comando do Estado, promove a escolarização dos trabalhadores para a manutenção das condições de assalariados da agroindústria. Dessa forma, os órgãos oficiais de educação estão levando os proletários à continuidade do sistema de alienação do trabalho pelo capital, reproduzindo valores que contribuem “para perpetuar uma concepção de mundo baseada na sociedade mercantil” (JINKINGS, 2008, p. 12) de exploração do capital sobre o trabalho, como (des)realização da classe trabalhadora. Sendo o CEJAX, uma instituição de ensino

Que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: ‘fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes’. Em outras palavras, tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes. Em lugar de instrumento da emancipação, agora é mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema. (SADER apud MÉSZÁROS, 2008, p. 15).

O trabalhador é escolarizado para atender as necessidades imediatas de exploração do capital. No interior da fábrica, é convidado para fazer parte das equipes dos Círculos de Controle de Qualidade, pensar estratégias de melhorias estruturais do setor de trabalho, enfim, vestir a camisa da empresa, porém o poder de decisão não lhe é conferido. As sucessivas crises do capital e a redução dos lucros recaem como culpabilidade dos trabalhadores. As estratégias empresariais vão em direção de manter o domínio ideológico, interiorizando os interesses capitalistas sobre a classe trabalhadora. O proletário é induzido pelo capital como membro participante do sucesso da fábrica, no entanto não participa efetivamente do lucro, apenas do processo produtivo, na condição alienante e estranhada do trabalho assalariado.

No sistema capitalista, a educação formal, tal como está organizada institucionalmente, reproduz as condições diversas de exploração do capital sobre o mundo do trabalho. Perpetua, assim, a reprodução nas formas hegemônicas, pois “[...] as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital.” (MÉSZÁROS, 2008, p. 42).

O Estado, com a educação formal, escolariza os trabalhadores para o trabalho assalariado, sendo sua formação voltada para atender a necessidade da indústria moderna e flexível do toyotismo. Logo, o proletário é formado para atender a demanda da indústria moderna, que necessita do trabalhador flexível e com conhecimento mínimo geral, orientado para o trabalho simples no interior da agroindústria.

Segundo Frigotto (2010), há um processo de prolongamento da escolarização desqualificada sob a gestão do Estado burguês que busca viabilizar a manutenção das relações sociais de produção capitalistas e, portanto, contraditórias entre o capital e o trabalho. Assim, pensar a educação/escolarização na perspectiva da luta emancipatória deve estabelecer vínculos entre educação e trabalho, com a seguinte afirmativa: “[...] digame onde está o trabalho em um tipo de sociedade e eu te direi onde está a educação. Em uma sociedade do capital, a educação e o trabalho se subordinam a essa dinâmica.” (SADER, 2008, p. 17).

Segundo Sader (2008, p. 17), a educação formal está posta para afirmar o processo de interiorização das condições que legitimam o “[...] sistema que explora o trabalho como mercadoria, para induzi-lo a sua aceitação passiva [...]”; ou sua negação mediante a rebeldia da classe trabalhadora, que “[...] precisa redescobrir suas relações com o trabalho e com o mundo do trabalho, com o qual compartilha, entre tantas coisas, a alienação.” (SADER, 2008, p. 17). Para o capital, o trabalho alienado/estranhado se constitui na desrealização do trabalhador, na condição aviltante de assalariado.

CARNE E OSSO: A CONDIÇÃO PROLETÁRIA E A EDUCAÇÃO DOS TRABALHADORES DA AGROINDÚSTRIA

No atual estágio da era capitalista contemporânea, marcada por profundas e rápidas transformações no mundo do trabalho e da produção, o trabalhador encontra-se na condição de precariedade e estranhamento do seu meio de vida, o trabalho. Sabe-se que a condição de proletário no modo capitalista de produção estabelece o divórcio entre o

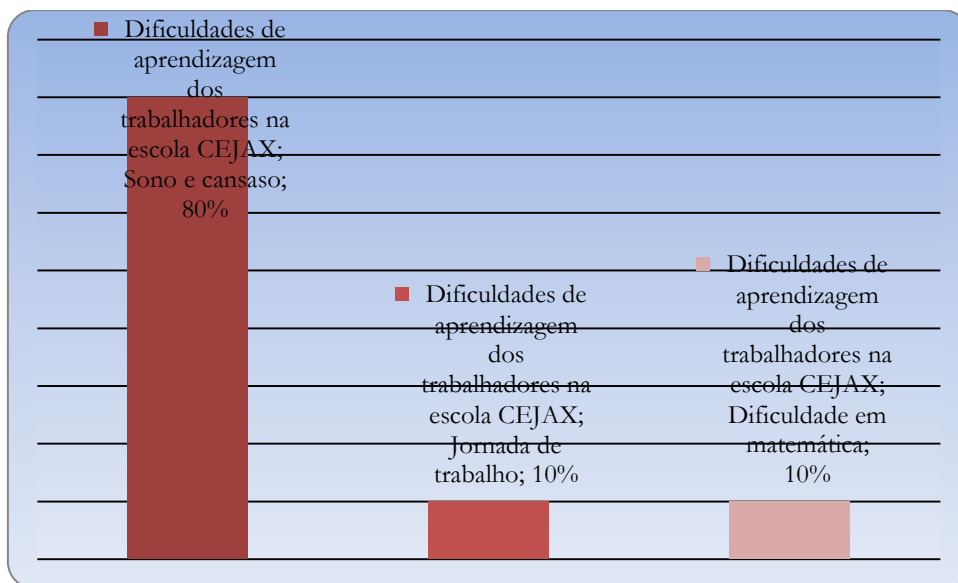
homem e os meios de produção, levando à condição de compra e venda do trabalho, ou seja, o preço representado pelo montante em dinheiro pago ao trabalhador na forma de salário. Celebra-se um contrato de compra da força de trabalho pelo capitalista sobre o trabalhador, que vende em troca de salário, ou seja, uma pequena parte em dinheiro repassada ao proletário para a manutenção das condições mínimas de reprodução social. Sabe-se que a condição de gerar valor à mercadoria é dada pelo trabalho, que no sistema capitalista se apresenta como contradição nas formas fetichizadas/alienadas do trabalho assalariado.

Entre a carne e o osso, o movimento das nórias, das máquinas e a agilidade do trabalhador polivalente da era flexível, as condições de trabalho no interior da agroindústria de carne no município de Xaxim condicionam os proletários a jornadas longas e intensas de atividades precarizadas. Durante as entrevistas, observaram-se o acúmulo de cansaço da longa jornada de trabalho – distribuída, em sua maioria, durante seis dias da semana –, o sono e a falta de atenção dos trabalhadores, que durante o dia desempenham as mais diversas atividades no interior da agroindústria e à noite frequentam o CEJAX, em três períodos intercalados na semana.

A elevada produtividade exigida dos proletários pela agroindústria esgota as energias no processo produtivo, impondo a escola trabalhar minimamente os conteúdos curriculares, a fim de mantê-los matriculados. Os trabalhadores enfrentam inúmeras dificuldades de aprendizagem dos conteúdos curriculares como matemática, língua portuguesa, geografia, história etc., sendo que o capital os impossibilitou na infância o acesso e permanência na escola formal, devido às condições econômicas e sociais das famílias. Na atualidade, retornam à escola como resistência e enfrentamento ao processo de exclusão e ao desemprego estrutural, ocasionado pelo desaparecimento de algumas funções em decorrência da reestruturação do sistema capitalista. As dificuldades de aprendizagem e as condições de acesso e permanência da classe que vive do trabalho na educação institucionalizada são, na essência, um processo de criação do capital e das contradições no centro do sistema, com a divisão das classes sociais, da educação e a proletarização da massa proletária: de um lado, a escola formal organizada e direcionada para a classe dirigente; de outro, a formação escolar para a classe trabalhadora assalariada.

Dentre as principais dificuldades de aprendizagem escolar dos proletários da agroindústria, estas:

Figura1 – Dificuldades de aprendizagem dos trabalhadores na escola CEJAX



Fonte: elaboração de Valdir Skrzypczak.

Conforme o gráfico percebe-se que 90% dos entrevistados afirmam que as dificuldades de aprendizagem no CEJAX estão relacionadas às longas jornadas de trabalho e à intensidade da produção; apenas 10% afirmam ter dificuldades relacionadas à disciplina curricular de matemática. Para a classe trabalhadora da agroindústria, o trabalho precarizado representa o principal desafio de permanência na escola formal.

Para a classe dominante e dirigente, a escolarização dos assalariados deve estar orientada aos conteúdos mais simples, ou seja, em doses homeopáticas, pois o capital busca diuturnamente educar a classe trabalhadora para o consenso, interiorizando objetivos de garantir o processo de reprodução e acumulação de riquezas, mantendo as atuais formas de exploração e extração da mais-valia da classe que vive do trabalho. Interessa à classe dirigente formar para o consenso, com vistas a humanizar as formas de domínio e exploração. Nessa concepção, a educação formal organizada pelo Estado para a classe trabalhadora em geral,

[...] longe de ser uma esfera separada do plano econômico, social e cultural – tal como a visão liberal a compreende – sofreu um intenso processo de ampliação [...] e hoje é dominada e dirigida por organismos privados de hegemonia da burguesia, que trabalham diuturnamente para obter o consenso do conjunto das classes sociais para o desenvolvimento de um modelo de sociabilidade que beneficia a conservação das relações de exploração vigentes. É precisamente por isso que as estratégias educacionais mais do que nunca ganham importância vital na difusão dos conteúdos, habilidades e valores ligados a esse modelo de sociabilidade. (FALLEIROS, 2005, p. 209-210).

Na sociedade do século XXI, a crise de sociabilidade é agravada, o individualismo deste tempo moderno traz dimensões nunca antes experimentadas. Vive-se uma nova

organização do trabalho no interior da indústria moderna, com a gestão que impõe um grau de competição entre os trabalhadores nunca antes visto na história do capitalismo, substituindo a cooperação pela competição. Assim, a educação/escolarização dos trabalhadores volta-se para atender as necessidades de acumulação da indústria e do capital. O Estado de classes, na qualidade de gestor do sistema educacional, intensifica o processo de formação baseado nas habilidades e competências da classe trabalhadora, porém responsável pela “formação do ‘novo homem’, também na perspectiva da superação das relações capitalistas” (FALLEIROS, 2005, p. 210). Para Gramsci (2000), o novo homem deve ser educado/escolarizado para pensar, dirigir ou controlar quem dirige, ou seja, a classe dominante, superando o atual modelo de produção e divisão de classes.

Torna-se imprescindível apontar alguns dados e resultados obtidos no decorrer das entrevistas com os trabalhadores da agroindústria. Foram entrevistados dez proletários da empresa Diplomata, na condição de estudantes do CEJAX. Esses proletários buscam ampliar a escolarização formal como perspectiva para a ascensão profissional no interior da fábrica, ou mesmo a possibilidade de se libertar do trabalho degradante do frigorífico, buscando nova profissão. Dos entrevistados, 50% frequentam o Ensino Fundamental II e 50% estão cursando o Ensino Médio.

Com média salarial de R\$ 950,00, os trabalhadores se submetem a realizar em média 30 horas extras mensais para complementar a renda. Para a agroindústria, essa prática exploratória é extremamente vantajosa, pois os submete a jornadas prolongadas de extração do sobretabalho na sua forma absoluta, haja vista que permanecem na condição de exploração após cumprir a longa jornada de trabalho diária.

O trabalhador, no interior da agroindústria, é submetido ao trabalho simples e desqualificado, pois o faz sem exigir grande esforço intelectual. Na condição de atividade alienante, o proletário necessita ter atenção constante no movimento das nórias e esteiras que movimentam as aves, a fim de acompanhar o processo produtivo em ritmo acelerado de trabalho, sem permitir acúmulo. Assim, cada etapa do processo produtivo no interior da fábrica deve fluir de forma homogênea, a fim de que a ave inteira ou em cortes possa ser enviada em tempo relativamente reduzido para o congelamento.

O trabalhador mantém-se de pé por várias horas diariamente, demonstrando as condições precárias do trabalho forçado no interior da agroindústria. É submetido aos movimentos repetitivos, intensos e degradantes do trabalho assalariado que o capital oferece, conforme a figura 2.

Figura 2 – Trabalhadores no setor de recepção de aves na agroindústria



Fonte: acervo particular de Valdir Skrzypczak.

O setor de recepção conhecido entre os trabalhadores como “pendura”, pois representa o primeiro setor da agroindústria que recebe as aves vindas do campo, se constitui na atividade repetitiva e intensa de pendurar as aves pelos pés em ganchos fixados nas nórias que se movimentam de forma rápida e contínua. Condicionados ao movimento das nórias, os proletários são mantidos durante várias horas do dia nas tarefas simples e repetitivas, como abrir a caixa, apanhar a ave e pendurá-la. Mantendo-se por várias horas em pé, o corpo tem de adaptar-se à rotina diária da produção; assim como os músculos e nervos, ao movimento das esteiras e nórias que movimentam as aves.

O transporte das aves do campo para a agroindústria é realizado por meio de caminhões, no qual as aves são mantidas no interior de caixas adaptadas para o deslocamento nas esteiras. Após serem descarregadas dos caminhões, as caixas são deslocadas pelas esteiras, sendo que cada proletário pendura em média 25 aves por minuto, ou seja, em torno de 1.500 aves por hora de trabalho. Em um dia de trabalho a média chega a 12.000 aves por trabalhador, que repetem a atividade durante a semana, o mês e o ano, sendo as consequências para a saúde do trabalhador as graves lesões nos nervos e músculos, reflexo da intensidade do trabalho precário da agroindústria. Cerca de 20% dos trabalhadores apresentam alguma disfunção na coluna, dores lombares, problemas nos músculos e ossos. (SKRZYPCZAK, entrevista, 2013).

Para 75% dos entrevistados, o retorno e a ampliação da escolarização permitiram melhorar o manuseio das máquinas automatizadas no setor de trabalho, melhoraram o salário e a comunicação com supervisores. Também

Pra para de sofre e pra ganha um pouco mais, [...] porque tipo assim o salário também aumentou melhor. Ficou mais melhor, as pessoas [colegas de trabalho]

te olham de outro jeito, de outra maneira. A [...] comunicação melhora bastante, também hoje você é visto diferente, antes era bem mais humilhado NE. Porque é [...] **bastante humilhado pelo chefe**, por todos ali dentro [...] (SKRZYPCZAK, entrevista, 2012³, grifo do autor).

De acordo com a entrevista, o retorno à escola representa a resistência às formas de opressão que o capital condiciona os trabalhadores a produzir, mantendo-os calados, na tentativa de coibir possíveis tentativas suas de organização e assegurar a produtividade da agroindústria. Devido à condição de crise financeira vivenciada na agroindústria, os salários vêm sendo atrasados, possibilitando a organização e a paralisação dos trabalhadores na indústria, a qual responde com a demissão das lideranças do movimento. A participação do sindicato da categoria é nula, sendo que o enfrentamento ocorre pela mobilização dos trabalhadores ante o capital, prevalecendo a resistência de grupos indígenas no interior da agroindústria e apoiados pelos demais trabalhadores. Assim, os princípios da (des)organização da educação formal sobre o comando do Estado “[...] devem ser desatados do seu tegumento da lógica do capital, de imposição de conformidade, e em vez disso mover-se em direção a um intercâmbio ativo e efetivo com práticas educacionais mais abrangentes.” (MÉSZÁROS, 2008, p. 58-59).

O processo de construção do saber é elaborado social e historicamente a partir das relações sociais que os homens estabelecem na prática produtiva, sendo a escola uma parte do conjunto da produção e distribuição do conhecimento socialmente elaborado. Porém, “[...] mesmo existindo nas relações sociais, o saber é elaborado pela classe dominante, passando a assumir o ponto de vista de uma classe social, que o utiliza a seu favor [...]” (KUENZER, 1988, p. 27), a partir do projeto hegemônico articulado pelo capital, que financia a produção da ciência oficial em detrimento de seus interesses, apropriando-se privadamente dos resultados.

O capital desenvolve e se apropria da ciência, moderniza a produção e simplifica o trabalho na indústria moderna. De um lado, tem-se o pequeno grupo seletivo de trabalhadores altamente qualificados para atender as atividades mais complexas e de controle; de outro, uma imensa massa de proletários desqualificados que desempenham tarefas parciais e simples do processo produtivo, cuja função é a geração de mais-valia para o capital. Assim, constata-se que no sistema capitalista tem-se o seguinte cenário:

Figura 3 – Trabalhador (des)qualificado no toyotismo

Trabalhador desqualificado	Atividade simples/execução	Salário baixo
Trabalhador qualificado	Atividade complexa/controle	Salário elevado

Fonte: elaboração de Valdir Skrzypczak.

Nas atividades simples da agroindústria, tem-se um proletário desqualificado, que executa diversas atividades diárias e com baixo salário. Para as atividades de gerência e comando, o trabalhador é qualificado, recebendo salários mais elevados a fim de controlar o processo produtivo para o capital.

O Estado promove a separação educacional, fruto da divisão técnica do trabalho e da produção: teoria e prática, planejamento e execução atendem o capital, com o propósito de criar o trabalhador (des)qualificado ou de baixa escolaridade para a execução das tarefas mais simples e fragmentadas, como forma de alienar/estranhar o trabalhador do conhecimento amplo e elaborado do seu trabalho e de garantir um grupo de trabalhadores qualificados, com escolarização superior, no controle, dominando o processo de elaboração do trabalho a serviço do capital, a exemplo dos supervisores e gerentes da produção no interior da agroindústria.

Nesta lógica, constata-se que o saber não é democrático, pois, “[...] no interior do processo produtivo, o trabalhador recebe a ‘qualificação’ que é conveniente aos interesses do capital, não devendo receber nem a mais, nem a menos, desenvolvendo-se um processo de distribuição desigual do saber, ao qual articula-se a escola.” (KUENZER, 1988, p. 28).

Assim, a escola formal e a empresa articulam-se no sistema capitalista de produção para a distribuição combinada e desigual do saber para a classe trabalhadora. Sob o capitalismo, “[...] o trabalho é, ao mesmo tempo, determinante de qualificação e de desqualificação do trabalhador [...]” (KUENZER, 1988, p. 29), sendo que a escola formal, “[...] ao articular-se às necessidades do mercado de trabalho, serve ao capital.” (KUENZER, 1988, p. 31). Porém, se

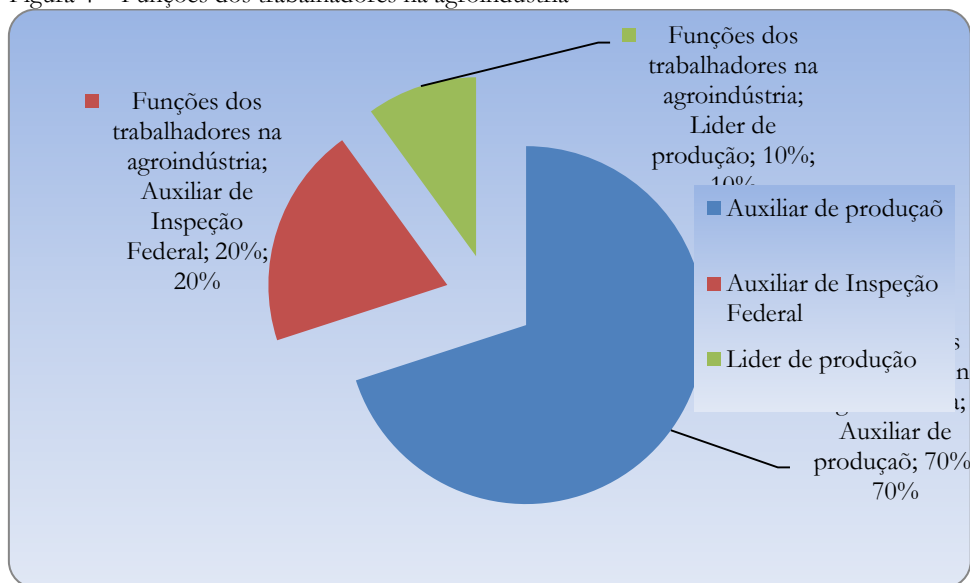
[...] os elementos progressistas da educação formal forem bem-sucedidos em redefinir a sua tarefa num espírito orientado em direção à perspectiva de uma alternativa hegemônica à ordem existente, eles poderão dar uma contribuição vital para romper a lógica do capital, não só no seu próprio e mais limitado domínio como também na sociedade como um todo. (MÉSZÁROS, 2008, p. 59).

A tarefa primeira de negação ao sistema educacional formal e segregador é a formação da classe trabalhadora para a emancipação e libertação da ordem vigente estabelecida pelo capital hegemônico. Assim, “[...] nossa tarefa educacional é [...] uma transformação social, ampla e emancipadora [...]” (MÉSZÁROS, 2008, p. 76), a fim de romper com as amarras do trabalho estranhado ao qual o sistema capitalista condiciona o homem.

À medida que o capital e os sistemas educacionais se estruturam, a defesa pela universalização da educação torna-se dualista e fragmentada: “[...] escola disciplinadora e adestradora para os filhos dos trabalhadores e escola formativa para os filhos das classes dirigentes [...]” (FRIGOTTO, 1995, p. 34); ou seja, há uma educação separatista e fragmentadora para os filhos da classe proletária, que são treinados para executar as tarefas produtivas do capital, em oposição à escola oferecida aos filhos da burguesia, formados para o planejamento e comando da produção.

A relação dos trabalhadores da agroindústria que frequentam o CEJAX compreende, em sua maioria, os auxiliares de produção, conforme a figura 4:

Figura 4 – Funções dos trabalhadores na agroindústria



Fonte: elaboração de Valdir Skrzypczak.

Percebe-se que a maior parte dos trabalhadores da escola CEJAX é formada por auxiliares de produção no interior da agroindústria, na qual desempenham funções simples e repetitivas como cortes, embalagem e pesagem, cuja remuneração salarial gira em torno de R\$ 852,00. Os auxiliares de inspeção federal são trabalhadores emprestados pela agroindústria para o SIF, que desenvolvem atividades de inspeção das aves; exige-se a conclusão do Ensino Médio, com média salarial de R\$ 940,00 – trata-se de um setor

pretendido por parte dos trabalhadores que retornam à escola, devido à melhora salarial. Quanto aos líderes, são proletários com média salarial de R\$ 1.200,00 que coordenam um pequeno espaço da produção na indústria, a exemplo de uma esteira de desossa de coxas, com um número aproximado de vinte trabalhadores.

Os proletários da agroindústria constituem os sujeitos da negação das formas de alienação do trabalho estranhado/alienado no interior da indústria. Se a educação formal isoladamente não os liberta, caracteriza um caminho encontrado e seguido por muitos trabalhadores que buscam na escola a resistência da opressão e as condições precarizadas do trabalho assalariado. Assim muitos proletários ampliam a escolarização e mudam de profissão, rompendo a relação com a agroindústria.

Além dos cursos técnicos profissionalizantes, o ensino superior vem proporcionando a possibilidade de ingressar em outras profissões, como a área da educação. São trabalhadores que rompem com a indústria para trabalhar como professores da educação básica no setor público, representando a resistência ante a opressão do capital agroindustrial. De acordo com Mészáros (2008), a educação não se constrói apenas no interior da escola formal, a aprendizagem se dá em toda a vida, é a nossa própria vida. Dessa forma, “[...] muito do nosso processo contínuo de aprendizagem se situa, felizmente, fora das instituições educacionais formais.” (MÉSZÁROS, 2008, p. 53). Esses processos não podem ser controlados e manipulados pelo sistema educacional formal, porém

Eles comportam tudo, desde o surgimento de nossas respostas críticas em relação ao ambiente material mais ou menos carente em nossa primeira infância, do nosso primeiro encontro com a poesia e a arte, passando por nossas diversas experiências de trabalho, sujeitas a um escrutínio racional, feito por nós mesmos e pelas pessoas com quem partilhamos e, claro, até o nosso envolvimento, de muitas diferentes maneiras e ao longo da vida, em conflitos e confrontos, inclusive as disputas morais, políticas e sociais dos nossos dias. (MÉSZÁROS, 2008, p. 53).

São diversas as formas expressadas de resistência dos trabalhadores às condições degradantes investidas pelo capital. Seja nos sindicatos, nos partidos políticos, nos movimentos sociais, etc., o proletário percebe a possibilidade de libertação e enfrentamento às formas de opressão capitalista. A busca por novas profissões através do ingresso nas escolas técnicas e universidades também caracteriza uma forma de libertação dos proletários em relação ao trabalho estranhado/alienado no interior da agroindústria: “Voltei [...] por livre e espontânea vontade realiz, [pretendo] cursar uma faculdade de professora de Educação Física, que é o que eu mais gosto de fazer; [...] voltei realiz porque

achei que eu tava precisando assim pra mim consegui melhorá [...]” (SKRZYPCZAK, entrevista, 2012b).

Se a educação formal isoladamente não transforma e liberta o proletário para a sua emancipação, todavia, representa uma possibilidade de ascensão profissional, na busca de romper com as formas de exploração e precarização do trabalho na agroindústria. A negação do trabalhador ao trabalho estranhado e degradante também é uma forma de libertação, pois o capital é contraditório no processo de produção e reprodução das condições sociais de existência, sendo a divisão do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção a lógica de sua manutenção.

Pode-se constatar que a educação/escolarização dos trabalhadores está voltada para o trabalho assalariado, seja no interior da agroindústria, seja nos diversos espaços da produção capitalista. O trabalhador ou ascende a um novo posto de trabalho na indústria ou liberta-se, migrando para uma nova profissão no comércio, no serviço público, etc., porém permanece na condição de trabalhador assalariado do capital. Dessa forma, a emancipação do proletário ante o trabalho alienado não se concretiza, pois “[...] a emancipação do trabalho não se confunde com tempo livre ou liberado, mas sim com uma nova forma de trabalho, que realize, em sua integralidade, a omnilateralidade humana, o livre desenvolvimento das individualidades, a plena realização e emancipação do ser social.” (ANTUNES, 2006, p. 132).

A tarefa educacional da classe trabalhadora é, ao mesmo tempo, a tarefa de transformação social e emancipação, rompendo com as formas do trabalho alienado/estranhado conduzido pelo capital. A educação/escolarização dos proletários é tarefa imprescindível para essa condição “[...] histórica de transição de uma ordem social existente para outra, qualitativamente diferente [...]” (MÉSZÁROS, 2008, p. 76), rompendo com o sistema capitalista de produção e as formas do trabalho alienado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região oeste de Santa Catarina representa uma das maiores concentrações de agroindústrias da América Latina. Essas empresas constantemente reorganizam o processo produtivo, alterando as relações de produção entre o capital e o trabalho; e o trabalhador do campo e da cidade é escolarizado/(des)qualificado para atender as novas exigências impostas pelo capital agroindustrial.

O trabalhador busca ampliar sua escolarização formal na tentativa de permanecer na nova reorganização da produção na agroindústria. Os proletários do campo e da cidade, ao mesmo tempo que se qualificam para atender os interesses do capital, se desqualificam, pois a agroindústria moderniza os setores da produção por meio da mecanização e simplifica as atividades. Tem-se, portanto, o movimento reverso da emancipação do trabalho para o trabalhador, pois, à medida que este amplia sua escolarização, o capital incorpora novas técnicas e tecnologias na produção da mercadoria, simplificando as etapas do trabalho no interior da fábrica, reduzidas a simples comandos e toques na máquina.

Entretanto, a educação formal institucionalizada acompanha o processo de simplificação do trabalho na indústria, sendo os conteúdos curriculares fragmentados e simplificados para atender o capital. A escolarização da classe trabalhadora está orientada para a diversidade das formas do trabalho assalariado e alienado que o capital impõe para a obtenção da mais-valia. Todavia, a educação formal encontra-se fragmentada e dividida, com a escola para a classe trabalhadora e a escola para a classe dirigente, que tem a tarefa de comando para o capital.

Neste trabalho, constatou-se que os camponeses familiares integrados e os trabalhadores da agroindústria vêm ampliando a escolarização, porém permanecem na condição de assalariados da indústria. Nessa lógica, o CEJAX está voltado para a formação dos trabalhadores da agroindústria, contudo não os liberta das condições de exploração do trabalho alienado/estranhado do capital.

No sistema capitalista, os camponeses integrados e os trabalhadores da agroindústria desenvolvem atividades produtivas forçadas no processo de acumulação. Os trabalhadores ampliam a escolarização formal, no entanto permanecem na condição do trabalho alienado/estranhado. O que se verifica é o proletário mais escolarizado e, na contramão, o trabalho simplificado, ou seja, mais fácil e que exige cada vez menos o esforço intelectual. No campo, o camponês familiar mantém a relação de produção com a agroindústria no sistema de integração, produzindo a matéria-prima necessária para a industrialização; entretanto, com a automatização dos aviários, as atividades desenvolvidas pelo camponês são mais simples, exigindo um toque no painel de comando para definir a temperatura, por exemplo. No interior da indústria, o trabalhador amplia a escolarização formal realizando atividades simplificadas, como cortes de coxas, asas e peitos de aves, que não exigem esforços intelectuais para realizá-las, mas agilidade e movimentos repetitivos. Assim, o proletário se escolariza, todavia não se liberta da opressão do trabalho estranhado/alienado da fábrica.

Sendo o trabalho compreendido como princípio educativo, sua realização é fundamental e indispensável para o homem, “[...] é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter na vida humana.” (MARX, 2011, p. 50). Entretanto, na relação capitalista de produção, o capital “[...] transforma o trabalho de criador da vida humana em alienador da vida do trabalhador.” (FRIGOTTO, 1995 p. 32). O trabalho no sistema capitalista de produção torna-se alienado/estranhado ao trabalhador, que o realiza na condição forçada de produtor de mercadorias. Assim, a educação/qualificação do trabalhador, na condição de assalariado, está subordinada às leis do mercado, pois sua adaptabilidade e funcionalidade estão orientadas para o treinamento/adestramento de produzir.

O capital morto se amplia, incorporado à presença cada vez mais crescente das máquinas e equipamentos informatizados no interior da fábrica capitalista, cuja produtividade é ampliada pelo ritmo e intensidade da produção de mercadorias, produzidas pela coletividade do trabalho, porém apropriadas individualmente pelo capitalista.

[...] se ao final do processo de trabalho o objeto produzido não mais pertence ao ser humano que o produziu, que o objetivou, isto é, dele se aliena, pertence a um outro ser humano, isto decorre de características específicas da forma como se organiza o trabalho num dado momento histórico, e não de uma suposta condição absoluta – natural ou divina – do processo de trabalho em si. (ANTUNES, 2012, p. 29).

O resultado do trabalho é apropriado por outrem e não pelo trabalhador assalariado, caracterizando a alienação da produção assalariada, que no capitalismo representa a manutenção do sistema como um todo. A organização do trabalho num dado momento histórico corresponde à manutenção das condições sociais de existência, que no capital se caracterizam pela divisão em trabalhadores do campo e da cidade e capitalistas, os quais, na produção de mercadorias, estabelecem relações dialéticas, caracterizadas pela luta de classes entre o capital e o trabalho, a exemplo da agroindústria e das formas de exploração do trabalho no campo (avicultura) e na cidade.

No capitalismo contemporâneo, caracterizado pelo toyotismo, reduz-se o capital vivo expresso no trabalhador, simplificam-se suas funções no interior da indústria, pois o saber é expropriado e transferido para a máquina produtiva em expansão. Nessa lógica, o trabalhador amplia a escolarização, tornando-se mais letrado (SANTOS, 1993), porém permanece sob os ditames do capital agroindustrial, como assalariado do campo e da cidade. Esta condição é posta ao trabalhador como forma de controle e domínio, pois a realização do trabalho parcial transfere o controle da produção para a indústria, que detém o conhecimento da totalidade sobre a cadeia produtiva.

Assim, para o trabalhador, urge a escolarização que supere “o saber fazer” na sua forma fragmentada, estranhada e “permita um ‘fazer pensado’, que alie teoria e prática” (KUENZER, 2011, p. 192) e lhe ofereça o saber socialmente produzido, na condição de sujeito social histórico.

Portanto, é necessária a escola transformadora, que desenvolve no trabalhador a educação para a emancipação e libertação das formas alienadas/estranhadas nas relações de produção com o capital, que “produz conhecimento, cria habilidades e forma sua consciência” (CALDART, 2009, p. 101). Necessita-se de uma escola que “[...] vincule a educação às questões sociais inerentes à sua realidade [...]” (FERNANDES; ARROYO, 1999, p. 53), do campo e da cidade, em oposição à escola formal que reproduz e intensifica as atuais relações sociais de produção e reprodução do capital e atende os interesses da acumulação capitalista. Nessa lógica perversa, o capital transforma o trabalhador em simples produtor de mercadorias; o trabalho educativo passa a ser trabalho estranhado/fetichizado, orientando a produção do campo e da cidade às necessidades de manutenção das condições de exploração e extração da mais-valia da agroindústria sobre o conjunto dos proletários.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **A educação em Mészáros**: trabalho, alienação e emancipação. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

CALDART, R. S. A Escola do Campo em Movimento. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. Reforma agrária e educação. **Caros Amigos**, São Paulo, ano 15, n. 53, p. 26, 2011.

CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (CEJAX). **Projeto Político Pedagógico**. Xaxim, 2012.

DUARTE, N. Luta de classes, educação e revolução. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. P. 149-166.

FALLEIROS, I. Parâmetros curriculares nacionais para a educação básica e a construção de uma nova cidadania. In: NEVES, L. M. W. (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

FERNANDES, B. M.; ARROYO, M. **A educação básica e o Movimento Social no Campo**. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Educação e a crise do capitalismo real**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GRAMSCI, A. **Cartas do cárcere: volume 2**. Trad. De Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **Os intelectuais: O princípio educativo**. Trad. De Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. V. 2.

JINKINGS, I. Apresentação. In: MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 2. Ed. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

KUENZER, A. Z. **Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo**. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I**. 29. Ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 2. Ed. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

NEVES, L. M. W. (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

SADER, E. Prefácio. In: MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 2. Ed. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. P. 13-36.

SKRZYPCZAK, V. Entrevista realizada com E. M. R., trabalhadora da agroindústria de Xaxim (SC). Xaxim, 7 nov. 2012^a.

_____. Entrevista realizada com J. F. C., trabalhadora da agroindústria de Xaxim (SC). Xaxim, 29 out. 2012b.

_____. Entrevista realizada com L. F. D. F., ex-médico da agroindústria de Xaxim (SC). Xaxim, 17 abr. 2013.

Submetido em: 15 de maio de 2016

Aceito em: 09 de agosto de 2016